

A Paisagem e o Lugar: Conceitos de uma Geografia da Percepção Urbana. Landscape and Place: Concepts of a Geography of Urban Perception.

João Gabriel Hübner Gomes¹

Resumo

Ao longo da evolução do pensamento geográfico algumas categorias de análise vêm ganhando destaque na capacidade de compreensão do espaço vivido e das relações sociais existentes dentro das cidades. Compreender e analisar como se dá a percepção das alterações dos espaços, transformações das paisagens e formação de novos lugares pelos cidadãos é papel crucial da geografia, demonstrando o seu caráter enquanto ciência social e humana. Deste modo, o objetivo deste texto é compreender como as categorias paisagem e lugar foram empregadas para perceber o espaço urbano ao longo das correntes geográficas e em decorrência do tempo histórico. Por saber que é um assunto que não se esgota em apenas um manuscrito, tampouco se limitaria apenas a geografia enquanto ciência, estima-se que consigamos estimular inquietações, reflexões e debates acerca do assunto. Afim de que se possa ampliar o debate sobre a temática. Fica aqui o incentivo ao início dos debates.

Palavras-chave: Paisagem; Lugar; Urbano; Percepção.

ABSTRACT

Throughout the evolution of geographic thinking, some categories of analysis have gained prominence in the ability to understand the space lived and the social relations existing within cities. Understanding and analyzing how the perception of changes in spaces, transformations of landscapes and the formation of new places by city dwellers is a crucial role of geography, demonstrating its character as a social and human science. In this way, the objective of this text is to understand how the categories landscape and place were used to perceive urban space along geographic currents and as a result of historical time. Knowing that it is a subject that is not limited to just one manuscript, nor would it be limited to geography as a science, it is estimated that we will be able to stimulate concerns, reflections and debates on the subject. In order to expand the debate on the theme. Here is an incentive to start the debates.

Keywords: Landscape; Place; Urban; Perception.

Introduction

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Brasília – IFB. profjoaogms@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6662-1585>

A compreensão das formas, dos sentidos e da evolução do espaço urbano muitas vezes passa despercebida pelos olhares desatentos dos cidadãos que compõem o cenário das cidades. Muitos desses fatores estão relacionados à experiência dos mesmos no local em que vivem. O mundo urbano cada vez mais acelerado, globalizado, conectado e interativo em suas próprias redes, tornou-se reprodutor de diferentes impressões do cenário urbano. Essas percepções ora forme ora disforme estão relacionadas ao tempo histórico e ao cotidiano. Esse qual, que envolve uma gama de fatores que fortalecem diferentes percepções sobre as alterações do campo da paisagem e dos lugares em nossas cidades.

Deste modo, cabe a geografia enquanto ciência compreender como o nosso formato de olhar implica dentro das relações espaciais, tanto em nível local quanto global. Assim sendo, entende-se que as cidades hoje são locais multidimensionais, abrigando grande parte da população, para Cavalcanti (2012) :

São expressões da complexidade e da diversidade da experiência humana, da história humana. Considerando-se tanto as grandes como as pequenas áreas urbanas, é preciso entendê-las como contexto da globalização e da informação, trazendo elementos distintos para o cotidiano urbano, para os modos de viver o dia a dia da cidade. (CAVALCATI, 2012 p. 16-17)

Em vista disso, perceber a evolução urbana parte de um avanço histórico intrinsecamente ligado com as relações espaciais existentes em cada área, não longe, a Geografia enquanto ciência também obteve o seu avanço histórico ao longo do tempo, evoluindo sua forma de pensar com o passar dos anos. Perceber que a geografia, tal como as cidades, também evolui com óticas distintas a depender do período histórico, corrente geográfica ou categoria de análise que se emprega é papel fundamental dos geógrafos. Por tanto, entender essas diferentes formas de percepção do espaço urbano ao longo das correntes geográficas através das categorias de análise paisagem e lugar serão considerados como objetivos deste trabalho.

Para isso recorre-se a analisar e compreender como se dá a percepção das paisagens e as (trans) formações dos lugares dentro das cidades e como essas categorias se moldaram ao longo da evolução da história do pensamento geográfico. Para que esse debate fosse possível, recorreu-se ao uso de um intenso e profundo levantamento de referencial bibliográfico e sobre o uso e o emprego das duas categorias aqui analisadas.

Destaca-se que estes dois conceitos chaves dentro da ciência geográfica, no qual, por intermédio do urbano serão utilizados para, em um primeiro momento, dialetizar sobre a evolução dos próprios conceitos dentro do pensamento geográfico, a partir do século XIX onde a geografia já se afirma e consolida enquanto ciência. E posteriormente tecer uma evolução dos conceitos até os dias atuais, possibilitando desenvolver inúmeros questionamentos a cerca dos mesmos, tais como: como a paisagem e o lugar foram desenvolvidos e vistos ao longo processo da história do pensamento geográfico? Como se dá a aceitação das categorias nos dias atuais? Como estas categorias se apresentam em cada corrente da geografia? Tentando compreender tais indagações para proporcionar bases teóricas nos possíveis questionamentos que irão surgir no decorrer da obra e do diálogo com a percepção urbana.

Construção e evolução do conceito paisagem nas diversas correntes geográficas

A história do pensamento geográfico se inicia na Grécia Antiga, tida como a primeira cultura a explorar a Geografia ativamente como ciência, entretanto, segundo Moreira (1994, p.15), “a geografia é um saber tão antigo quanto à própria história do homem”. As viagens dos exploradores espalharam pela Europa e pelo mundo o interesse em conhecer geograficamente e cartograficamente, assim, a medida que se descobriam novas terras se desenvolvia novas técnicas da ciência do homem e o meio, nesse sentido durante um longo período, foram aprofundados e mantiveram os antigos conhecimentos gregos geográficos e no período da renascença e ao longo dos séculos XVI e XVII, as viagens de exploração reavivaram os desejos de desenvolver bases teóricas mais sólidas para a ciência. O que segundo Ruy Moreira (1994);

A Geografia Científica tal como hoje é conhecida e popularizada a partir da escola, nasceu no período de 150 anos que se estende a partir de 1750. Mais é filha, sobretudo do século XIX, nasce entre os alemães Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel.(MOREIRA, 1994 p. 14)

Ao longo deste período os conceitos foram se aprimorando e criaram bases epistemológicas para a solidificação da ciência geográfica, que segundo Christofolletti (1985, p. 12), “embora lançando raízes históricas ao longo dos séculos, foi somente no século XIX que a Geografia começou a usufruir do status de conhecimento organizado, penetrado nas

universidades”. Assim, o conceito de paisagem aparece como uma das bases fundamentais na afirmação da geografia enquanto ciência.

É necessário compreender que a paisagem foi durante anos considerada categoria fundamental na descrição dos processos evolutivos do planeta, sendo um dos aportes de instrumentalização da geografia descritiva e da geografia física tradicional, chegando-se a dizer que seria “a geografia uma ciência das paisagens”. Tal perspectiva hoje teve o enfoque alterado, demonstrando a paisagem como uma das categorias chaves da geografia, tendo sua importância impar para a ciência, deixando de analisar apenas os processos evolutivos do planeta e passando a constituir várias relações com o lugar. Assim, atualmente seria ingenuidade pensar na paisagem enquanto uma forma estática, sem mobilidade, sem fluxos. É evidente que o conceito de paisagem evoluiu junto com o desenvolvimento da geografia, portanto, analisá-la em um mundo globalizado é também avaliar o próprio meio, compreendendo as alterações e as dinâmicas existentes no espaço através das tecnificações, de forma que não haja dissociação com o aporte que constitui a paisagem, compreendendo então a totalização da paisagem enquanto categoria de análise. Para isso torna-se necessário abordar a evolução do conceito dentro de algumas correntes geográficas, como a geografia tradicional, a geografia pragmática, a geografia crítica e a geografia humanística.

Nessa análise destaca-se a geografia crítica, que de certo modo foi a vertente que intensificou os debates da paisagem, sendo esta mais abordada dentro do aporte da geografia urbana.

Abordagens do conceito paisagem na geografia tradicional

A noção de paisagem, na Geografia Tradicional, era tida como algo descritivo e narrativo, dotado de um forte conteúdo empírico, o qual recorria ao passado para compreender os processos evolutivos naturais, sendo uma das principais ferramentas da geografia física. Contudo, o enfoque dado à natureza e as questões voltadas ao estudo da paisagem evidenciam as contribuições que estudiosos como Humboldt, Passarge e De Martonne, deixadas para a ciência geográfica, o forte teor empírico dos autores pode ser atribuído à inexistência de recursos e técnicas hoje existente.

Pautada no positivismo a Geografia Tradicional teria restringido os estudos ao domínio da aparência dos fenômenos, assim os aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis, como se o fenômeno demonstra-se diretamente ao pesquisador o qual seria um mero observador, o que segundo Moraes, (2007, p.39), “tal postura aparece na Geografia através da máxima – A Geografia é uma ciência empírica, pautada nas observações”. Observações e descrições da paisagem, tidas como a compreensão atrelada a uma compreensão da natureza, podendo ser adjudicado pelo forte estudo do naturalismo da escola alemã, onde se originou o conceito de *landschaft* (paisagem). De acordo com Corrêa (2012) é na Geografia Tradicional (1870-1950) que se privilegiam os conceitos de paisagem e região:

A Geografia Tradicional e suas diversas versões privilegiou os conceitos de paisagem e região, em torno deles estabelecendo âmbitos das demais ciências. Assim os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região – paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas. (CORRÊA, 2012, p. 17)

E de acordo com Christotofoletti (1985), o estudo da região e das áreas favoreceu a expansão da perspectiva regional ou corológica, e ainda segundo o mesmo (1985, p.13) “em cada lugar, área ou região a combinação e a interação das diversas categorias de fenômenos refletiam-se na elaboração de uma paisagem distinta, que surgia de modo objetivo e concreto”. O conceito de paisagem atrelado a Geografia Tradicional fica então marcado pela sua forte ligação com o naturalismo, em específico com definições de fisiologias a fim de caracterizar porções do espaço ou regiões, o que segundo Moraes (2007):

A perspectiva da fisiologia da paisagem vai ser fundada na Biologia, em particular na ideia de organismo. A paisagem seria um organismo com funções vitais e com elementos que interagem. À Geografia caberia buscar estas inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre, esta perspectiva introduz a Ecologia no domínio geográfico. (MORAES, 2007 p. 30 – 31).

Logo, a paisagem tem um papel crucial dentro da geografia tradicional, sendo utilizada como aporte de diferenciação de áreas e fisiologias com uma forte ligação com o conceito de Região, contudo destaca-se à escola alemã no desenvolvimento destes conceitos.

A paisagem na perspectiva da geografia pragmática

A Geografia Pragmática constitui uma parcela da renovação da Geografia, por isso ficou também conhecida como “nova geografia”, considerado o conjunto de ideias de abordagens que começaram a se difundir durante a década de cinquenta e se prolongou aos anos posteriores. O surgimento de novas perspectivas e abordagens, segundo Christofolletti (1985, p. 16), “está integrado na transformação profunda provocada pela segunda Guerra Mundial nos setores científico, tecnológicos, social e econômico”. Seguindo a mesma linha, Moraes (2007) afirma que seu intuito geral é de uma “renovação metodológica”, o de buscar novas técnicas e uma nova linguagem, que dê conta de novas tarefas postas pelo planejamento. A finalidade explícita é criar uma tecnologia geográfica, um móvel utilitário, daí sua denominação de pragmática. (MORAES, 2007, p. 109).

A abordagem da geografia científica estará baseada na observação empírica, na verificação dos seus enunciados e na importância de isolar os fatos de seus valores. Nota-se uma vinculação ao neopositivismo, ou seja, tendo uma base de estudo vinculada ao empirismo, entretanto, um empirismo lógico, ligado à estática e aos avanços tecnológicos. O critério de irrefutabilidade ganha importância, assim a Geografia não se prende apenas a autoridade do geógrafo o qual observava e descrevia determinada paisagem, agora se passa a aferir os procedimentos conforme a proposta metodológica científica, ou seja, observa, descreve e quantifica.

Neste período é evidente o aumento do uso de imagens nos estudos geográficos, isto devido a própria inovação tecnologia da ciência e assim o conceito de paisagem ganha um novo enfoque, agora além de desenvolver análises evolutivas das paisagens naturais, desenvolve-se quantificação da paisagem que é utilizada como forma de refutação. Porém, de acordo com Corrêa (2012), o conceito de paisagem é esquecido, deixado de lado dentro da Geografia Pragmática, assim:

O conceito de Paisagem é deixado de lado, enquanto o de região é reduzido ao resultado de um processo de classificação de unidades espaciais segundo procedimentos de agrupamentos e divisão lógica com base em técnicas estatísticas. Lugar e Território não são conceitos significativos na Geografia Teorético – Quantitativa. (CORRÊA, 2012 p. 20)

O conceito de paisagem foi evoluindo conforme a própria ciência geográfica, ganhando uma grande ascensão na Geografia Crítica vinculado ao marxismo e na Humanística, esta última

vinculada a fenomenologia. Logo, a categoria paisagem na geografia crítica deve ser a sua ascensão na ciência e a sua utilidade dentro da própria Geografia Urbana.

Geografia crítica e o olhar para a paisagem

Outra vertente do movimento de renovação do pensamento geográfico se agrupa a um conjunto de propostas conhecido como Geografia Crítica. A década de 1970 é então imersa em uma grandiosa movimentação da geografia pautada no materialismo histórico dialético, sendo uma revolução que procurou romper com as geografias já postas, ocorrendo uma rescisão tanto com a geografia tradicional como com a pragmática. Essa nova abordagem teve e tem uma relevante contribuição para o pensamento geográfico, principalmente em suas rigorosas críticas ao sistema capitalista. Corrêa (2007) afirma que

O debate interno à Geografia prossegue durante as décadas de 1970 e 1980. A nova geografia e os paradigmas tradicionais são submetidos a severas críticas por parte de uma geografia nascida de novas circunstâncias que passa a caracterizar o capitalismo. Trata-se da geografia crítica, cujo vetor mais significativo é aquele calcado no materialismo histórico e na dialética marxista (CORRÊA, 1990, p. 19)

Assim os autores assumiram os conteúdos políticos do conhecimento científico, propondo uma Geografia militante frente aos sistemas sociais postos, lutando pela construção de uma sociedade mais justa. Para Moraes (2007, p.119), referindo-se aos geógrafos com pensamento críticos, “são os que pensam uma análise geográfica como um instrumento de libertação do homem”. A denominação da Geografia Crítica vem em prol da postura que a ciência se apresentou em determinada perspectiva, o que segundo Moraes (2007):

Esta denominação advém de uma postura crítica radical, frente à Geografia existente (seja a Tradicional ou a Pragmática), a qual será levada ao nível de ruptura com o pensamento anterior. Porém, o designativo de criticar diz respeito, principalmente a uma postura frente à realidade frente à ordem constituída. São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando ao seu saber como uma arma deste processo (MORAES, 2007, p. 119)

“No caso do Brasil, a geografia crítica nasce no final da década de 1970, cujo marco foi o 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em julho de 1978 em Fortaleza, sobre os auspícios da associação de geógrafos brasileiros” (CORRÊA, 1990 p. 20), possibilitando a inovação do pensamento geográfico com contribuições de vários autores nacionais, neste sentido, diante dos

embates travados, o conceito de paisagem se apresenta na geografia crítica como uma forma, uma aparência, a qual o conteúdo “por trás” da paisagem pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela, por hábito ou ideologia “sugere” (SOUZA, 2013 p.46) assim questionamentos começam a efervescer o pensamento de intelectuais da geografia, questionamentos como: contemplamos a paisagem ou estamos dentro dela? Ou ambas as coisas?

É notório que o conceito cria outra dimensão além do visível. Agora a paisagem ultrapassa os pensamentos das geografias já existentes, deixando de ser vista como estática e visual e sendo analisada como uma expressão reveladora do visível, a qual, embora revele, encobre a realidade. É essa realidade que a geografia crítica se propõe estudar. Para Milton Santos (1988) a paisagem é o domínio do visível, sendo constituída por atribuições técnicas espaciais, dentro do conjunto de sistemas de ações e objetos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Este pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formado apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. [...] A paisagem é uma dimensão da percepção, o que chega aos sentidos (SANTOS, 1988, p. 61-62).

Para Santo (2012, p. 35) “paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto com sua profunda realidade”, esta realidade que diversos autores depreenderam e depreendem esforços para estudar dentro de uma crítica que crie uma realidade mais justa e humanizante.

É na geografia crítica que o conceito de paisagem começa a ter um enfoque em seus debates e discussões, assim como em diversos outros conceitos. Ocorre uma valorização do conceito de paisagem em uma relação dialética com a realidade, a qual nem sempre é enfatizada em um primeiro olhar, abrindo perspectivas para se pensar como se dão as relações e as trocas que constituem esta paisagem, compreendendo a dinâmica de alteração pelas relações sociais do espaço.

Já a categoria Paisagem dentro da Geografia Humanística apresenta um conteúdo, embora não diferenciado, mas com aportes fenomenológicos.

A paisagem na visão da geografia humanística

A geografia humanística possui a fenomenologia como filosofia subjacente do método e embora possua raízes mais antigas (em Kant e Hegel), encontra-se base nas teorias de Edmund Husserl (1859 -1839) e ganha força nas obras de Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph, Mercer e Powell. Ampliando-se no pensamento e subsídio importante entre autores como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre. Todavia é somente na década de 1970 que a geografia humanística surge em contraposição a geografia lógica – positivista. Segundo Corrêa (2012, p. 30); “A geografia humanística está assentada na subjetividade, na intuição nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”.

No Brasil, estudos pautados sobre a perspectiva da geografia humanística destacaram-se a partir da década de 1970, quando os primeiros trabalhos acerca desta linha de pensamento são traduzidos e publicados pelo país. Esse movimento foi o responsável, de acordo com Oliveira (2001), pelo desencadeamento do aumento de interesse, especialmente por parte dos geógrafos pelo reconhecimento de como “as pessoas percebem ao seu redor, o seu meio ambiente, aguçou a curiosidade em saber se a percepção geográfica variava, e quanto; provocou principalmente um aumento de estudos e pesquisas sobre o assunto” (OLIVEIRA, 2001, p. 14), contrapondo as quantificações e estatísticas das relações.

Conceitos como experiência, vivência e percepção se tornam relevantes dentro da geografia humanística. Agora a geografia agrega uma valorização ao sujeito e é neste período que o conceito de lugar sofre uma valorização, diferente do que acontece nas outras fases de formulação do pensamento geográfico, sendo na geografia humanística que o conceito de lugar ganha força enfatizado dentro da própria geografia cultural.

Cabe ressaltar que no início da década de 1980 o pensamento geográfico sofre reformulações devido a influência do conceito de cultura, possibilitando o surgimento da escola de Berkeley e a nova geografia cultural, ambas pautadas nos aspectos culturais. A primeira segundo Corrêa (2010 p.14) é “a escola de Berkeley ou geografia cultural saueriana adota uma visão abrangente de cultura, enquanto a nova geografia cultural, uma visão restrita, vendo-a como “mapas dos significados”, a geografia cultura apresenta-se como uma geografia

heteotópica tendo como base o conceito de cultura, que para Corrêa (2010, p. 13) pode ser definida como a combinação de três eixos principais: a abrangência dos fenômenos considerados, o papel da cultura na sociedade e, por fim, o papel que desempenha no processo de mudança. A cultura pode ser vista em uma perspectiva abrangente abarcando inúmeros aspectos como crenças, hábitos, linguagem, arte, dieta alimentar e habilidades, ou em uma perspectiva restrita, na qual constitui os significados construídos e reconstruídos a respeito das diversas esferas da vida.

A categoria paisagem é repensada dentro da geografia humanística atribuída a ela as modificações do habitat, as alterações das formas, que remete às funções estudadas pelo lugar. Neste sentido a paisagem é vista dentro da perspectiva humanística não apenas como aquilo que é visualizado ao alcance dos olhos, mas como aquilo que é sentido, percebido e vivenciado. Para Meinig (2002, p. 35), “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. A paisagem rompe o pensamento paradoxal a qual era atribuída somente ao domínio do visível, agora a paisagem dentro da geografia humanística ganha um sentido dentro do mundo vivido de cada um, dentro da experiência de cada um, assim mesmo vários sujeitos estando em um mesmo local e observando a mesma paisagem, a atribuição que cada indivíduo realiza sobre a paisagem pode ser interpretada em diferentes formas, conforme a percepção de diferentes sujeitos.

Após o exposto, abordaremos como se dá a formação do conceito Lugar dentro das quatro correntes do pensamento geográfico. Diferente do que já se foi abordado com o conceito de paisagem, onde se desenvolve uma discussão acerca da formulação do pensamento metodológico da corrente, optou-se por não expor muito a corrente em si, apenas como é abordado o conceito dentro da corrente, assim prosseguimos as análises.

As várias abordagens do conceito de lugar – uma análise necessária

O conceito de lugar tem uma relação intrínseca com os sentimentos, de pertencer, concernir, desenvolvendo uma ligação identitária e subjetiva do sujeito com o meio a qual o circunda. Dessa forma, pretende-se pensar a formulação do conceito de lugar, dentro da evolução do pensamento geográfico, a partir do século XIX, momento em que a geografia passa

a ser considerada uma disciplina acadêmica, desenvolvendo uma abordagem até a atualidade e possibilitando questionamentos acerca do lugar a luz de cada abordagem.

É de suma importância compreender que durante décadas lugar e local foram considerados sinônimos. Para Holzer (1999) talvez a primeira desvinculação do lugar com o local, teria sido realizada por Sauer, rompendo assim com o sentido unicamente locacional do lugar. Ainda para Holzer (1999) o lugar na atualidade é um conceito vital para o pensamento geográfico, porém só teve o devido reconhecimento a partir da década de 1980, o que de acordo com Ferreira (2000):

O conceito lugar, considerado por muito tempo como um dos mais problemáticos da geografia, tem se destacado, recentemente, como uma das chaves para a compreensão das tensões do mundo contemporâneo [...], o lugar tem se apresentado como um conceito capaz de ampliar as possibilidades de entendimento de um mundo que se fragmenta e se unifica em velocidades cada vez maiores. (FERREIRA, 2000, p.65)

O conceito de lugar foi negligenciado por muito tempo dentro da evolução do pensamento geográfico. Por décadas foi atribuído simplesmente a uma porção do espaço em sua escala local. Portanto, compreender como se deu os trajetos deste conceito através da evolução do pensamento geográfico é necessário para a fundamentação e a compressão das análises que sucedem este trabalho. Neste sentido, idealizaremos o conceito de lugar dentro das quatro correntes do pensamento geográfico. Destaca-se a abordagem do conceito dentro da geografia humanística e da geografia crítica, que de certa forma é onde ocorreram as intensificações e os debates de lugar. Deste modo, foca-se na objetividade da abordagem do conceito em si, devido o surgimento das correntes já terem sido trabalhados dentro da categoria paisagem, evitando assim que o trabalho se torne repetitivo, portanto sucedemos as análises do conceito de lugar.

O conceito de lugar dentro da geografia tradicional

O sentido de lugar como local permeou entre os meios filosóficos, durante décadas, sobre a forte influência de pensadores como Newton, Aristóteles e Platão, influenciando pensamentos da geografia enquanto seu processo de sistematização, “de fato, uma das mais antigas definições foi exposta por Aristóteles em uma de suas obras intitulada “Física” onde para ele” (SOBRINHO, 2014, p. 15-16):

O lugar seria o limite que circunda o corpo. Alguns séculos adiante, Descartes através de sua obra *Princípios Filosóficos* busca um aprimoramento do conceito introduzido por Aristóteles afirmando que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à posição de outros corpos. (RIBEIRO, 1996 *apud* LEITE, 1998, p.09).

Partindo deste pressuposto que a Geografia iniciou o seu processo de sistematização, utilizando destas antigas definições, as quais se revigoram no início do século XIX com influência da escola alemã e de autores como Humboldt e Ritter. Foram então renovadas nas formulações de Ratzel, e no final do século XIX através da forte influência do pensamento da escola francesa e de autores como Paul Vidal de La Blache, que baseado no possibilíssimo se opõe as contribuições de Ratzel, sendo a geografia de fato difundida como disciplina acadêmica no final do século XIX. Neste sentido que a geografia tradicional é fundada, dentro do positivismo, com bases empiristas e naturalistas, tendo como manifestação a redução da realidade ao mundo do sentido, o que segundo Sobrinho (2014);

Logo, quando é mencionada a questão do mundo dos sentidos o mesmo está vinculado à questão do palpável, mensurável e aspectos que são visíveis aos olhos humanos, isto é, qualquer ponto da superfície da terra poderia ser considerado como lugar, pois é suscetível de ser mensurável; palpável e observado. Assim, o entendimento do lugar nessa concepção se dá emaranhada no positivismo, sendo que analisar o seu sentido através desse entendimento fica evidente que qualquer espaço poderia ser considerado como lugar, isto é, no sentido pontual e vinculado com aspectos naturais.(SOBRINHO, 2014, p. 16 – 17).

De acordo com Holzer (1999) quando o estudo e as confecções de mapas era uma das bases da Geografia o lugar tinha um sentido locacional utilizado para definir porções do espaço geográfico. Tal perspectiva é visível nas obras de Paul Vidal de La Blache, que afirma que “a geografia é ciência dos lugares e não dos homens” (LA BLACHE, 1913; citado por HELPH, 1976). O lugar era então visto dentro da geografia tradicional, como qualquer parte da superfície da terra, onde qualquer local poderia ser considerado como lugar.

O lugar na geografia pragmática

A geografia pragmática tem suas bases fundadas no neopositivismo, assim seus estudos continuam em uma linha empirista. Entretanto, remetente a um empirismo lógico ligado diretamente à estatística, e aos avanços tecnológicos da época. “O que leva a deduzir que o lugar

se mantém na mesma definição que a Geografia Tradicional, pois o seu questionamento ficou em um nível formal, ou seja, não formulou uma crítica aos fundamentos da Geografia Tradicional” (SOBRINHO, 2014, p.18).

Com o interesse em estudar a organização espacial o conceito de lugar foi utilizado como sentido de localização, assim como na geografia tradicional, porém a fim de estudar as relações das diferentes porções do espaço. Deste modo, a fim de buscar uma renovação metodológica da geografia, os geógrafos abrem-se para novos enfoques e perspectivas, lançando-se de forma gradativa em pesquisas com cunhos denominados críticos, com suas bases pautadas no Marxismo e na Fenomenologia, as quais promovem inovações ao pensamento geográfico e novas discussões aos seus métodos e categorias. Portanto, o lugar dentro da geografia crítica e humanística ganha um novo olhar, indo além do contexto de localização, utilizado pelas abordagens anteriores, onde o conceito de lugar terá maior contribuição dentro das próximas abordagens. Deste modo passamos para a próxima seção do conceito, o lugar na geografia crítica.

Geografia crítica: abordagem do conceito lugar

O lugar dentro da geografia crítica está relacionado aos intensos debates travados contra o sistema capitalista, assim ela representa um dos processos de renovação do pensamento geográfico, através da revolução metodológica que resultou em importantes embates travados, dando a geografia um papel mais ativo e atuante dentro das relações sociais. É nesse período que diversas categorias tiveram seus enfoques renovados, repensados, a ponto de ocorrerem metamorfoses na instrumentalização metodológica do pensamento geográfico. Nessa perspectiva o lugar será visto como uma construção social, diferente dos outros pensamentos já abordados pelas demais correntes, agora o lugar tem sua função em decorrência com as inter-relações com os sistemas de objetos do lugar. Logo, dentro da geografia crítica, o debate do conceito estará voltado para as relações que são estabelecidas entre lugar e que se desenvolvem com as forças econômicas e políticas, entendido até o momento as relações através do processo de globalização, assim para Santos (1994):

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Certamente seria ingenuidade pensar o lugar dentro da geografia crítica sem o aporte do espaço como objeto principal da geografia, portanto, o lugar estabelecerá relações travadas no espaço com os demais sistemas de objetos. Dentro de um mundo globalizado torna-se uma teia relacionando vários lugares com seus devidos objetos, ou seja, “o lugar é entendido como uma dimensão social (ação) que se vincula com o local-global” (SOBRINHO, 2014, p.21) onde “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1996, p.273). Esta dialética (entre local/global, lugares/objetos) que para Ana Fani (2007) desenvolverá as relações dos lugares dentro do mundo globalizado, partindo da ideia de lugar como base da reprodução da vida:

A globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia anularem-se as particularidades. (CARLOS, 2007, p.14).

Para Milton Santos “cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular, variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares.” (SANTOS, 1996, p. 273) Desenvolvendo um debate acerca da perspectiva lugar Bartoly (2011) afirma que:

Para a geografia crítica, a especificidade do lugar advém do papel que este representa na dinâmica capitalista. Na definição do conceito, não é necessário que o lugar desfrute de uma longevidade para que seja relevante, mas que desempenhe uma função importante que o diferencie dos demais. Com isso, um lugar se destaca e, por conseguinte, torna-se singular, a partir de sua maior ou menor capacidade técnica e de comunicação, por exemplo. À medida que o lugar apresenta uma estrutura funcional adequada, tem-se a impressão de que o mundo necessariamente passa pelo lugar, de que os fluxos globais não só atravessam-no, como estabelecem com ele uma relação dialética. (BARTOLY, 2011, p. 68)

Criticamente o lugar se afirma como um processo de construção social através do dinamismo. Entende-se então que na geografia crítica ocorre um aumento nos debates acerca do conceito de lugar, ampliando a uma relação dialética entre global e local, e sistemas de ações

e sistemas de objetos os quais constituem os lugares. Dessa forma, possibilita que a geografia abra novas perspectivas acerca do conceito, portanto, “o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço (CARLOS, 2007, p.14)”. E é através destas bases deixadas “para pensar o lugar” que se pretende abordar a evolução do conceito dentro da geografia humanística, assim passamos as próximas análises.

O lugar no enfoque da geografia humanística

É dentro da geografia humanística que o conceito lugar constituirá uma das palavras chaves de afirmação na ciência geográfica. A partir da década de 1970 as abordagens sobre o conceito ganha novas características, através de trabalhos humanísticos traduzidos ao Brasil. A abordagem do conceito dentro da nova vertente geográfica ganha ação rompendo com o positivismo e o neopositivismo encontrado nas abordagens anteriores, onde o lugar é mais subjetivo, incorporando os sentidos de experiência, mundo vivido, em uma relação dialética com o sujeito. O lugar então extrapola o conceito de localidade, constituindo agora pelos sentidos e experiências por meio das relações estabelecidas de cada sujeito, assim o lugar será "qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas." (TUAN, 2011, p. 8).

O lugar dentro do viés humanístico ainda pode ser definido como "uma edificação de ininterruptas relações, vertidas por apropriações do espaço, construídas por corporeidades em movimento" (CHAVEIRO, 2012, p. 276). E dependendo do íntimo das pessoas, sejam eles transitivos ou duradouros, da atualidade ou do passado, podem variar os valores, podem contribuir para a quebra de preconceitos, para a formação de novos conceitos e para aceitação de novas formas (MELLO, 2012).

O conceito passa a ser móvel dentro da geografia, especificamente dentro da geografia humanística e para os autores desta corrente os quais têm “o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos” (HOLZER, 1999, p.70). Ou seja, é um espaço dotado de sentimentos, significados, experiências e vivências. Portanto, na geografia crítica a abordagem do lugar está como referencial a sociedade de classes, em um espaço contraditório socialmente, a categoria de análise é o ser social pelo viés de classes. Enquanto a geografia humanística e geografia da percepção trabalha o espaço subjetivo do sujeito/individuo, se além mais aos grupos de indivíduos do que as classes sociais.

Embora existam tais diferenças, o conceito dentro das duas correntes rompe o sentido de localidade. Enquanto dentro da geografia crítica o lugar tem sentido em relação aos objetos e outros lugares, dentro da geografia humanística o conceito é abordado em decorrência do sujeito através de suas experiências e vivências cotidianas dotando o espaço de significado e constituindo ele em lugar. Sendo assim, as próximas análises terão o intuito de desenvolver os primeiros diálogos acerca da geografia urbana e suas contribuições com o respectivo trabalho, ocasionando um fechamento no aparato de ideias.

Da renovação do pensamento geográfico a geografia urbana

É de vital importância compreender que a fluidez com que as paisagens agem contribuiu para a modificação da “organização do espaço e a forma de percepção do mundo do geógrafo” (MOREIRA, 2011, p. 22). Deste modo, à medida que as paisagens urbanas se (re) modelam, a percepção geográfica a partir dos lugares estabelecidos nela são alterados, criando uma relação intrínseca entre paisagem urbana, lugar e sujeito. As análises contidas neste tópico pretendem trabalhar duas vertentes básicas. A primeira refere-se à importância dos estudos da paisagem através da geografia urbana, e a segunda, a importância de se estudar o lugar através da percepção dos sujeitos e como estas duas categorias estão reciprocamente articuladas dentro do espaço urbano.

O estudo da categoria paisagem através do urbano

À medida que a paisagem engloba as técnicas ela se torna seletiva, a qual pode segregar, aproximar e dividir várias facetas de um mesmo espaço, através de suas (re) produções dentro do cenário urbano. Neste aspecto a compreensão da ação e da seletividade através da paisagem é uma das formas que a geografia desenvolve suas análises e se mantém enquanto ciência. É de suma importância não apenas compreender as análises da paisagem urbana, mas compreender o processo histórico atribuído àquela paisagem e ao próprio conceito de paisagem.

Como forma de manifestação do urbano, a paisagem (urbana) tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica desenvolver análise além da aparência, ocasionando com que a compreensão da paisagem vá além da compreensão das formas.

Ocasionalmente que as análises da paisagem se desenvolvam somente e unicamente através da própria paisagem.

Deste modo, para desenvolver a compreensão da totalidade do cenário urbano é necessário compreender os sentidos, as funções e as estruturas que implicam naquela organização. Compreender o mundo vivido de quem vivencia a paisagem e como se dá a vida cotidiana dentro de tal cenário (assim compreender o lugar), visto que a paisagem é a expressão de uma relação social real. Para Carlos (2008, p.44), “a paisagem urbana é a expressão da “ordem” e do “caos”, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível aparente e do imediato”.

A paisagem é uma categoria necessária para a compreensão geográfica do lugar, gerando inúmeras possibilidades do pesquisador se (re) descobrir através da pesquisa, pois a paisagem geográfica é a forma exterior, a aparência “caótica”, sob a qual se descortina a essência articulada e objetiva do espaço geográfico. Essa paisagem, esse “instantâneo” que surge, a primeira vista aos olhos do pesquisador, não é estatístico, mas prenhe de movimento, de vida de uma vida rica de relações que o homem (indivíduo/sujeito) mantém dia após dia para se reproduzir como ser humano, membro de uma sociedade e como espécie. Deste modo, a compreensão da essência existente na paisagem urbana extrapola a categoria sendo necessária a utilização de categorias como o lugar para se aproximar ao máximo da realidade e do contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Dessa forma valida-se o cotidiano e a percepção dos sujeitos pela paisagem, o que implica a consolidação do lugar dentro do atual cenário sociourbano.

O estudo da categoria lugar através da percepção

A necessidade de estudar e compreender o lugar decorre da compreensão do ser consigo mesmo, de conceber os vínculos estabelecidos e entrelaçados entre sujeitos, indivíduos ou grupos sociais em um determinado local. Assim o lugar é um espaço dotado de significados, sendo considerado como pessoas e pessoas como lugares. Desta forma, os lugares são flexíveis e podem ser relativizados como as pessoas, a perspectiva de construir o sentido de lugar conjugasse com o sentido da construção de relações entre as pessoas, ou seja, todo o conjunto de relações sociais.

O lugar tem uma amplitude deixando de ser visto como um local qualquer na superfície terrestre, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas.

O conceito de lugar tem uma relação intrínseca com o sentimento de pertencer, de concernir, a ligação identitária e subjetiva do indivíduo com o meio o qual circunda.

Resumidamente pode-se afirmar que lugar é como qualquer localidade que tenha um significado para uma pessoa ou grupo de pessoas. Segundo Buttimer (1985), o lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. O Lugar nessa perspectiva deixa de englobar apenas um fator, como é o exemplo do fator econômico, muito utilizado na concepção crítica, para englobar múltiplas dimensões. Portanto, “os lugares são reflexo e condição para a reprodução das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nas diversas escalas de análise” (SANTOS, 1978), “possibilitando sempre dialetizar a relação sociedade-espço” (TUAN, 1983).

Segundo Callai (2000, p. 84), "estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanos". Portanto, não há sentido em estudar o lugar sem conhecer os diversos sujeitos, atores e agentes do lugar, os quais possibilitam a construção desta categoria. Assim conceber e aferir a percepção dos diversos sujeitos dos lugares e compreender como se dá o uso e as funções dos mesmos e compreender a sociedade pela sociedade valorizando a suas experiências. Ou seja, para cada lugar a ser estudado observamos que a um indivíduo ou grupos de indivíduos que a partir de uma intenção se projeta e se estabelece em um espaço (RELPH, 1976).

O estudo do lugar nesta pesquisa se torna necessário para compreender como é a percepção dos diversos sujeitos com as modificações existentes na paisagem urbana.

Considerações finais

Cada paisagem é singular fazendo parte da percepção dos sujeitos envolvidos e inseridos em seus lugares de vivências. Temos assim, formas singulares de observação dos mesmos espaços, sendo esta paisagem uma dimensão da percepção do sujeito, que chega aos sentidos, vivido e experienciado. Não longe disso ou em decorrência do tempo de cada corrente geográfica aqui citada.

Nota-se que a cada corrente geográfica novas formas de ver o mesmo conceito foram construídas. Esse fator pode estar diretamente relacionado à alteração tecnológica e o avanço epistemológico da própria Geografia. Se intermediado as alterações dos conceitos de paisagem e lugar ao longo dos anos pelo urbano notamos o surgimento de um autor crucial na alteração da percepção desses conceitos. Entendemos esse autor como o capital, que é, por sua vez, provedor de alterações dos sentidos, das formas, das vivências e existências em todo o cenário das cidades. O capital é responsável por alterar rapidamente os lugares e toda sua paisagem em volta, modificando também a forma com que observamos essas alterações.

Assim, temos espaços mercadorias, com crescimentos diferentes, paisagens distintas e lugares ora apinhados e individualizados ora de espaços coletivos e de vivências. O que possibilita a reprodução de um tempo efêmero e linear como contrapartida da produção de um espaço amnésico desprovido de referências individual ou coletiva, mas cabível de reprodução e obtenção de lucro.

À medida que as ações do capital modificam os espaços, os referenciais nele presentes são alterados, em função das necessidades pré-estabelecidas em cada localidade. Não muda apenas a forma de perceber a paisagem e vivenciar o lugar. Muda também as formas de interpretar e entender cada categoria de análise.

Por fim, consideramos que toda a totalidade urbana e seu contexto de percepção depende diretamente da localidade, tempo histórico, vivência e correntes geográficas em que estamos inseridos. Formando linhas de raciocínios distintos da mesma categoria e neste processo todo, o único que não perde influência, força e não se altera em domínio e poder será o crescimento do capital. Esse responsável por distorcer as percepções, maquiagem as estruturas, alterar as vivências e criar condições de produzir, reproduzir e produzir novamente os espaços urbanos e todos os seus lugares, sujeitos, paisagens e percepções.

Referências

BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **Geographia**, vol. 13, n.26, p. 66-91, jun.2011. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/454/325>. Acesso em: 19 Fev. 2021.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007. 85p.

_____, A. F. A. **A (re) Produção do Espaço Urbano**. 1º Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 270 p.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apresentação e Compreensão do Espaço Geográfico. 2012. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos/ CALLAI, Helena Copetti/ KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: prática e textualizações no cotidiano**, 10º Ed.- Porto Alegre: Mediação, 2012, 144 p.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**, 3º Ed.- Campinas –SP; Papyrus, 2012a, 190 p.

CHAVEIRO, E. F. Corporidade e Lugar: Elos da Produção. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, p. 249-279, 2012. (Estudos; 302).

CHRISTOFOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. 1985. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo- SP: DIFEL, 1985, 318 p.

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 3º Ed. São Paulo: Ática, 1990, 92 p.

_____, R. L. Temas e Caminhos da Geografia Cultural: Uma breve reflexão. 2010. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, 310 p.

_____, R. L. **Espaço: Um Conceito chave da Geografia**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia Conceitos e Temas**. 15º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 352 p.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Território**. Rio de Janeiro, ano V, nº9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

HOLZER, W. O Lugar na Geografia Humanista. **Território**, v. 4, n. 7, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 67-78, jul.–dez., 1999.

MELO, J. B. F. Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, p. 33-68, 2012. (Estudos; 302).

MEINIG, D. W. O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena. **Espaço e cultura**, UERJ, n. 13, p. 35-46, 2002.

MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica**. 21º Ed. São Paulo: Annablume, 2007, 152 p.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**, 2º Ed. – São Paulo: Contexto, 2011, 188 p.

_____, R. **O que é Geografia?** 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 113 p.

OLIVEIRA, L. Percepção do meio ambiente e Geografia. In: OLAN – **Ciência & Tecnologia** [arquivo de dados legíveis por máquina]. v.1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001. p. 14-28.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976, 156 p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec / USP, 1978, 145 p.

_____, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988, 61-62 p.

_____, M. **Técnica espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacion al**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5ª Ed. 3ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, 93 p.

SOBRINHO, H. C. **A categoria lugar no livro didático de Geografia: abordagens e contribuições no processo de ensino/aprendizagem**. 2014. 144 p. Monografia (Graduação em Geografia) – Câmpus Formosa, Universidade Estadual de Goiás, Formosa, GO, 2014.

SOUZA, M. L. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 319 p.

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983, 250 p.

_____, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, Inverno 2011.